

## **BATMAN — O CAVALEIRO DAS TREVAS: herói e vilão, uma construção histórico-social e sua inserção no ensino de história**

BATMAN — THE DARK KNIGHT: hero and villain, a historical-social construction and its insertion in the teaching of history

Submetido em 22 de julho de 2020

Aceito em 01 de setembro de 2020

Augusto César Acioly Paz Silva

*cesar\_historia@hotmail.com*

Centro de Ensino Superior de Arcoverde

Arcoverde - Pernambuco – Brasil

George Manoel Farias de Melo

*georgemb45@gmail.com*

Centro de Ensino Superior de Arcoverde

Arcoverde - Pernambuco – Brasil

João Gabriel da Silva

*gabrielbrady94@gmail.com*

Centro de Ensino Superior de Arcoverde

Arcoverde - Pernambuco – Brasil

Joseildo Cavalcanti Ferreira

*ferreirajcf@hotmail.com*

Centro de Ensino Superior de Arcoverde

Arcoverde - Pernambuco – Brasil

### **Resumo**

Este artigo resulta de estudos, análises fílmicas e reflexões acerca da construção ideológica dos conceitos de herói e vilão diante da crítica histórica do filme Batman — O Cavaleiro das Trevas<sup>1</sup> (2008). Fundamentamos a discussão teórica nos escritos de Hobsbawm (1976, 2007), Bernadet (1980), Koselleck (1992), Freire (2013), Campbell (2005), Žižek (2009),

entre outros, objetivando compreender a construção ideológica do herói e do vilão dentro do filme *Batman — O Cavaleiro das Trevas* e quais são as suas inserções no Ensino de História. Destarte, esta pesquisa analisou diferentes produções cinematográficas tendo o Batman como personagem central, baseada no diálogo com os autores citados anteriormente e com outros, não menos importantes, que contribuíram na discussão teórica. Na primeira seção, realizamos uma conceituação histórica dos termos que fazem parte desta pesquisa, construindo um elo entre os conceitos, o filme e a realidade. Na segunda seção, abordamos a evolução histórica do Batman no contexto da sociedade capitalista de Gotham City. Na terceira seção, refletimos sobre os personagens Batman, Coringa e Harvey Dent, elucidando a consolidação do herói no filme com as possibilidades dessa discussão em sala de aula. Nas considerações finais destacamos as interpretações construídas pela pesquisa refletindo sobre os conceitos aqui discutidos.

**Palavras-chave:** Herói e Vilão; Ideologia e Cinema; História dos Conceitos; Ensino de História

### Abstract

This article results from studies, film analysis and reflections on the ideological construction of the concepts of hero and villain in the face of the historical criticism of the film *Batman — The Dark Knight* (2008). We substantiate the theoretical discussion on the writings of Hobsbawm (2007), Bernadet (1980), Koselleck (1992), Freire (2013), Campbell (2005), Žižek (2009), among others, aiming to understand the ideological construction of the hero and the villain within the film *Batman — The Dark Knight* and what are his insertions in Teaching History. Thus, this research analyzed different cinematographic productions with Batman as the central character, based on the dialogue with the authors cited above and with others, no less important, who contributed to the theoretical discussion. In the first section, we carry out a historical conceptualization of the terms that are part of this research, building a link between concepts, the film and reality. In the second section, we deal with Batman's historical evolution in the context of Gotham City's capitalist society. In the third section, we reflect on the characters Batman, Joker and Harvey Dent, elucidating the consolidation of the hero in the film with the possibilities of this discussion in the classroom. In the final considerations, we highlight the interpretations constructed by the research reflecting on the concepts discussed here.

**Keywords:** Hero and Villain; Ideology and Cinema; History of Concepts; History Teaching

### Introdução

O presente trabalho pretende discutir, dentro da relação entre o campo cinematográfico, histórico e do ensino, a construção dos conceitos de herói e vilão no

cinema, considerando principalmente as concepções culturais e políticas através de uma abordagem histórico-social. Diante disso, o nosso texto tem por principal objetivo, uma análise de como se dá a construção dos papéis do herói e do vilão dentro da perspectiva fílmica encontrada em *Batman — O Cavaleiro das Trevas* e quais são as suas inserções no Ensino de História.

Com base em tal questionamento, nossa pesquisa seguiu duas linhas de estudo. Primeiramente foi a análise do filme *Batman — O Cavaleiro das Trevas* lançado no mercado cinematográfico em 2008 sob a direção de Christopher Nolan, sempre mantendo foco na percepção das representações ideológicas dos conceitos aqui estudados, a partir do contexto histórico-social no qual o filme se espelhou. Em segundo lugar, nos propomos a discutir de forma sucinta a importância de se trabalhar os conceitos de herói e vilão nas aulas de História.

No primeiro momento conceituamos histórica e culturalmente os termos abordados, buscando mostrar a sua evolução histórica e suas respectivas mudanças culturais, procuramos também estabelecer um diálogo entre tais termos e a sua relação com o ambiente de sala de aula utilizando a perspectiva fílmica de Nolan, mais especificamente em sua leitura do personagem Batman.

Seguindo essa linha de raciocínio, ressaltamos a importância de estabelecer uma ponte entre a evolução histórica de elementos encontrados no herói e seu antagonista, correlacionando-os com o contexto histórico-social capitalista observado na cidade fictícia de Gotham City, buscando sempre relacionar com a realidade vivenciada por alunos e professores em sala de aula, discutindo sobre algumas reflexões das ideologias transmitidas pelo universo do herói para esse público.

Na terceira seção, buscamos uma análise da película *Batman — O cavaleiro das Trevas* em três perspectivas. Primeiramente, tem-se uma reflexão de como é a consolidação do Batman como herói, seguindo-se o papel de antagonista do Coringa como vilão e, por fim, o debate sobre o personagem Harvey Dent e uma grande questão: seria ele herói ou vilão?

Em nossas considerações finais, elencamos as principais ponderações desenvolvidas

até o momento, salientado a importância da correlação entre ficção e realidade dos conceitos abordados dentro do contexto escolar. Por conseguinte, a presente pesquisa não se propôs apenas em delinear algumas respostas para os problemas discutidos, mas também, em lançar novas questões acerca da temática, evidenciando como essa linha de pesquisa pode ser profunda.

### **Herói e vilão dentro da perspectiva fílmica de *o cavaleiro das trevas***

Um dos maiores feitos da humanidade foi a capacidade de se capturar imagens em movimento possibilitando o desenvolvimento da Sétima Arte, o cinema. De uma forma ainda mais direta, conforme afirma Bernadet (1980) o cinema traz à tona fragmentos da realidade, que se transformam na própria realidade pela percepção dos observadores. Podemos então entender o cinema como agente histórico “[...], pois interfere na História, ao mesmo tempo em que é interferido por ela” (JESUS, 2011 p. 05). Então, além de um filme poder refletir elementos da realidade histórico-social, com diferentes interpretações pelos espectadores, o filme *Batman – O Cavaleiro das Trevas* de Nolan também é uma fonte de análise histórica, uma vez que o mesmo é um produto integrante da relação Cinema-História.

Percebe-se como um instrumento de interpretação de processos socio-históricos, inclusive na concepção de herói e vilão comumente aplicada à ficção, pode-se apreender certo grau de veracidade na obra, a isso dá-se o nome de “impressão de realidade”<sup>1</sup>. Então, a película pode conferir realidade as fantasias, neste caso o Batman mesmo sendo um personagem fictício contém traços reais que constituem a nossa análise, onde buscamos compreender como os conceitos de herói e vilão inserem-se em nossa realidade através dos filmes, especificamente *O Cavaleiro das Trevas* segundo filme da trilogia<sup>2</sup> que conta a saga do homem-morcego. Portanto, em nossas reflexões, percebemos que herói e vilão são conceitos criados para representar modos de se pensar, mas para podermos progredir nesta discussão cabe colocarmos o que seria um conceito? Ele tem aplicação na história?

<sup>1</sup> Expressão usada por Bernadet (1980) para dizer que o cinema consegue fazer parecer que o que se mostra na tela é a própria vida, com suas brigas, romances, etc.

<sup>2</sup> Referida trilogia dirigida por Christopher Nolan: *Batman Begins* (2005), *Batman – O Cavaleiro das Trevas* (2008) e *Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (2012).

Conceitos existem na própria história (ou seja, expressos nas fontes históricas examinadas pelo historiador), e também na História (historiografia) que vai sendo construída pelo historiador à medida que ele entretece suas reflexões sobre a “história vivida” que lhe chega através dos vestígios do Passado. (BARROS, 2015, p. 43)

Pode-se compreender que a história, principalmente a contemporânea, diante de todas as suas transformações encontrou nos conceitos formas de abarcar com mais profundidade algumas temáticas, uma vez que eles oferecem ao historiador, mecanismos para entender melhor determinados aspectos de uma sociedade, pois “Todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar tornando-o compreensível” (KOSELLECK, 1992 p. 136), ou seja, são criados para ajudar na interpretação de acontecimentos, construindo um diálogo entre o passado e o presente, buscando facilitar o futuro.

Desse modo, conceituando-se o *herói* historicamente, Kothe (2000) os identifica como o “clássico/épico” e o “trágico” onde cada um desenvolve caminhos diferentes, sendo o primeiro tenha a sua elevação como fruto do enfrentamento de uma série de problemas que muitas vezes são superados através de práticas não tão heroicas como a mentira e a morte, por outro lado, o segundo tipo é caracterizado que sua queda, seu sacrifício final é o desenlace de toda uma trajetória que vai se constituindo como trágica.

Todo grande personagem é uma união de contrários: ele é o alto cuja grandeza está na baixaza, ou é o alto que cai e readquire grandeza na queda, ou então é o baixo que se eleva e se mostra grandioso apesar dos pesares. Quanto maior a sua desgraça, tanto maior a sua grandeza. A sua desgraça não é mera choradeira, mas duro aprendizado da “condição humana”, transcendendo a doutrinação que lhe é inerente. (KOTHE, 2000, p. 13)

Podemos compreender que mais do que classificar um ou mais heróis por tipo, deve-se considerar que mesmo na mais pura condição humana, um personagem pode na sua constituição chegar ao auge por atos baixos e subsequentes, elevando-o a condição de herói, como também, ao mesmo tempo, pode ter um caminho que se torna árduo a cada passo culminando em sua desgraça final, pois tal destino só poderia ser suportado por um verdadeiro herói. Contudo, todo o processo de constituição da figura heroica é adaptado a

significados específicos do contexto histórico em questão, assim, é possível discutir o caráter ideológico por trás da construção desse termo.

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUÍ, 1990, p. 113)

Compreende-se então que a construção de personagens pode conter uma ideologia, ou seja, o herói encarna os costumes de um contexto social, podendo ser considerado como um instrumento de reflexão de costumes para os alunos em sala de aula, uma vez que estes podem se sentir instigados a tomar para si esses paradigmas ideológicos, em específico o modelo do Batman. Desse modo, entendendo os feitos heroicos como atos de fé, Walty (1986) diz ser possível apreender que as ações de um herói podem receber diferentes níveis de aprovação de acordo com a cultura moral de diferentes sociedades onde as noções de certo ou errado podem variar em consonância com o período histórico em questão.

Portanto, ao buscarmos na memória exemplos tradicionais de heróis fictícios como o Batman e o Superman, o Capitão América e o Homem Aranha, pensando em suas virtudes é possível perceber que força, inteligência ou o senso de justiça são oriundos dos semideuses e heróis gregos, como Hércules. Diante disso, é interessante notar que tais qualidades já eram atribuídas aos heróis na Antiguidade, como o mesopotâmico Gilgamesh<sup>3</sup> ou os primeiros heróis gregos<sup>4</sup> como os descritos na *Ilíada* e na *Odisséia*. Sobre a *Ilíada* de Homero, além de narrar os acontecimentos da Guerra de Tróia, ressalta-se que “os detalhes podem ser fictícios, mas a essência e as pessoas, pelo menos os personagens principais, são reais” (PAGE, 1977, p. 17). Constata-se então, que a natureza mítica da criação dos heróis, desde

<sup>3</sup> Sobre o principal mito relacionado ao herói *A epopeia de Gilgamesh*, aconselha-se ao leitor acompanhar: OLIVEIRA, Fábio Falcão. **História da religião: analisando a Epopeia de Gilgamesh ea mitologia genesiana**. RELIGARE - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, v. 11, n. 1, p. 32-51, 22 dez. 2016.

<sup>4</sup> Para o(a) professor(a) de História se aprofundar na mitologia acerca dos heróis gregos, recomendamos: BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

tempos mais remotos, remonta a uma base no mundo real.

Portanto, para Valle e Telles (2014) cada época tem a sua definição do que é ser herói, por exemplo, na Idade Média os verdadeiros heróis cristãos eram os mártires, os missionários e os padres, pois a grandeza vinha de Deus, porém, com o Iluminismo, a humanidade seria por si só heroica, pois era dotada de razão e responsável por sua própria história. Assim o conceito é alterado com o progredir da história, assim sendo, ou seja, conforme muda a ideologia dominante da época, muda também a concepção do termo herói. “[...] o conceito de herói muda de acordo com o tempo e o lugar, e muitas das vezes não se pode perceber muito bem o porquê de um tipo se tornar mais ou menos popular em um dado momento” (VALLE; TELLES, 2014, p. 02), em outras palavras, a concepção de um modelo heroico ideal muda de acordo com o contexto histórico e a ideologia presente entre as camadas sociais de um povo.

Contudo, a construção da história não muda. Segundo Campbell (2005), a história do herói possui uma base (partida e retorno) chamada de “Monomito”, ou seja, ela é sempre retratada como uma linha reta onde há o início de sua jornada quase sempre oriunda de um trauma que abala as estruturas emocionais do indivíduo, passando pela decisão de seguir o caminho em busca de vingança ou até mesmo de redenção, até ter o seu objetivo alcançado até seu retorno a vida normal, constitui-se assim um rito de passagem de um estado de consciência primitiva onde o indivíduo é dominado por medos até atingir uma relativa maturidade, tal processo recebe o nome de “A Jornada do Herói”, sendo amplamente usada na criação de personagens tanto no universo da HQs quanto na indústria fílmica.

Com base na construção do herói, pode-se analisar o seu antônimo, o *vilão*. Historicamente relacionamos as origens desse conceito à prática do banditismo, pois “[...] são aqueles que, por um motivo ou outro, não se acham integrados na sociedade rural e que, por isso, são também forçados à marginalidade legal” (HOBBSAWM, 1976, p. 27), em outras palavras, já no contexto da sociedade feudal, é possível identificar que aquilo que hoje classificamos como vilão, trata-se de um indivíduo que busca agir como uma boa pessoa, mas um acontecimento extraordinário libera toda a maldade encarcerada dentro de si, tornando-o um vilão. Mas será mesmo que ele é mau de verdade? Ou será que ele quer nos mostrar através de suas ações algo que não enxergamos? Sabendo que ficção e realidade são marcados

ainda por certos costumes, podemos elaborar uma consideração sobre esses questionamentos, ou seja, compreende-se que quando o indivíduo não segue as normas morais e sociais de seu tempo, ele passa a ser considerado não mais como um modelo de herói, mas como um vilão.

Como afirma Vogler (2006), o vilão é uma espécie de sombra do herói, em um sentido mais amplo, ele é uma extensão das forças negativas que compõem o próprio herói, uma vez que esta figura é representação de uma dualidade, a base da jornada do herói é o enfrentamento dessa dualidade que acompanha a todos: o bem e o mal. Estas são forças que estão a todo momento em luta dentro de cada ser humano, contudo até seres de outros planetas dotados super poderes estão condicionados a esse ciclo de luta. Quando compreendemos a construção do enredo do filme e as ideologias expressas nele, entendemos a opinião de Harvey Dent: “ou você morre como um herói, ou vive o bastante para se tornar um vilão”<sup>5</sup>. Diante disso, herói e vilão são constituídos historicamente de uma relação de dependência, pois um não existe sem o outro.

Contudo, mesmo que a análise conceitual ocorra no campo da História dos Conceitos, salienta-se a sua conexão com suas inserções no ensino de História. Destarte, herói e vilão podem adquirir papel importante no processo de ensino-aprendizagem, considerando-se que para Dähne (2019), dada a popularidade observada entre os alunos, um dos pontos positivos é o fator atrativo que o trabalho com heróis ou vilões podem desempenhar nas aulas de História, uma vez que fogem da continuidade corriqueira de um ensino tradicional. Diante disso, no caso de uma reflexão guiada pelo professor acerca dos termos estudados, Dähne (2019) complementa nos dizendo que o estudante poderá ser capaz de realizar com mais facilidade o desenvolvimento do seu conhecimento prévio para o saber científico.

Portanto, à luz de uma história conceitual, é no seu universo de existência que entendemos que os elementos tão distintos sobre os conceitos de herói e vilão, observam-se no cotidiano de alunos e professores, uma vez que os mesmos estão inseridos em uma sociedade capitalista, onde as características ideológicas heroicas ou vis estão sujeitas a serem assimiladas pelos educandos à medida que estes são suscetíveis a tomarem certas figuras como espelhos para suas ações na sociedade.

<sup>5</sup> Recorte retirado do filme *Batman - O Cavaleiro das Trevas*.

## Gotham City: violência, corrupção e medo

Em *Batman — O Cavaleiro das Trevas*, como na maioria dos filmes de super-herói, nos é apresentado um personagem que continuou a viver nas *trevas* da cidade, após os eventos de *Batman Begins* (2005), combatendo o crime organizado e a corrupção na cidade de Gotham City, por sua vez, alimentando as esperanças dos cidadãos mediante uma sociedade capitalista. Segundo Hobsbawm (2007), isso ocorre porque atualmente o respeito pelas leis e convenções sociais vem diminuindo como foi possível observar na cidade ambientada no filme, entre outras coisas, causada pela negligência do Estado e o enfraquecimento das estruturas legais, e isso facilita a atuação financeira do crime organizado.

Para Hobsbawm (2007) ocorreu o “fracasso” dos governos no controle da circulação do capital, evidenciada aqui pela liberdade de trânsito financeiro que os chefes do crime em Gotham City desfrutam, principalmente quando todo o dinheiro dos mesmos está guardado nos bancos sob o disfarce da legalidade, impedindo que o Estado interfira diretamente na reaplicação desse capital, na perpetuação dos esquemas ilegais. Podemos perceber que isso é um traço do capitalismo moderno onde a máxima “os fins justificam os meios” ganha vida na cidade capitalista. Gotham é um exemplo fictício de uma cidade real, onde capitalismo financeiro parasitário ganha forma.

[...] o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência. (BAUMAN, 2009, p. 06)

Ou seja, os poderosos de Gotham são os donos do capital, eles são tentáculos de um parasita que transforma a sociedade, sua ganância é responsável mesmo que indiretamente pela corrupção, medo, crimes, etc., visto que em uma sociedade desigual que não confere oportunidades iguais a todos, tende a mergulhar mais cedo ou mais tarde no caos social e econômico. Por outro lado, Harvey (2005) acrescenta que o Estado procura agir pelos mais

diversos caminhos por onde o poder pode ser exercido, a fim de garantir um equilíbrio estável entre grupos dominantes e dominados, como também entre as “frações do capital”. Dessa forma, quando pensamos nos diversos grupos detentores de capital, podemos também considerar as frações do crime organizado, uma vez que, ainda segundo o pensamento de Harvey (2005), o Estado pode direcionar seus instrumentos de regulação para o exercício do poder sobre as classes à medida que recebem o apoio do capital na luta política, inclusive aquele proveniente das organizações criminosas.

Portanto, Estado isoladamente não produz por si próprio a violência, é necessário que os agentes econômicos e sociais lhe proporcionem as condições de apoio necessárias, portanto, segundo Hobsbawm (2007), entende-se que o aumento da violência é um processo que pode fazer parte dos “Estados fortes e estáveis” — como é o caso dos EUA apresentados no filme — considerando que ainda ocorra apenas a adoção de dois valores: a “violência” e a “não-violência”. Tomando essas duas divisões como ponto de partida, ainda conforme Hobsbawm (2007) os Estados podem não tolerar a violência na teoria, entretanto na realidade se beneficiam de certo grau de violência em meio à sua estrutura.

A retórica liberal nunca foi capaz de reconhecer que nenhuma sociedade opera sem *alguma* violência na política — ainda que na forma quase simbólica de piquetes de greve ou de demonstrações de massa — e que a violência tem graus e regras, como todos sabem em sociedades onde ela faz parte do tecido das relações sociais e como a Cruz Vermelha Internacional tenta constantemente recordar aos barbarizados beligerantes do século XXI. (HOBBSAWM, 2007, p. 125)

Diante disso, percebe-se que a violência combatida pelo Batman incansavelmente é uma parte integrante na constituição sócio-histórica da cidade. De acordo com essa visão, sozinho o Cavaleiro das Trevas sozinho poderia até reduzir a criminalidade com as suas ações radicais, contudo, nunca conseguiria eliminar a violência, pois ela está incorporada na construção das relações de poder dentro da sociedade. Assim, desde que o Batman começou a bater em bandidos na noite de Gotham City, compreende-se que o personagem surgiu como uma representação sócio-histórica dos EUA, pois essa sociedade ainda sofria as consequências da Crise de 1929, quando a violência, a insegurança e o desemprego

espalharam o caos e discutiremos mais a frente.

Desse modo, Nolan em *Batman Begins* (2005) consegue representar com a câmera o contexto semelhante quando os pais do jovem Bruce são assassinados em um assalto num beco escuro, esse evento induziu uma busca incessante por justiça para si e para muitos outros, sentimento comum a muitos americanos que impedidos de entrar nessa cruzada, sentiram-se representados pelo personagem em seu imaginário. Por isso houve a identificação do público, visto que o herói combatia problemas recorrentes no cotidiano daquela sociedade (assassinatos, roubos, crise, guerra, entre outros).

Assim sendo, o “Batman é um personagem que possui conflitos que muitos de nós poderíamos ter em nossas vidas. Batman é o símbolo de alguém que conseguiu superar uma tragédia pessoal, cujo conflito é, sobretudo, psicológico” (SEINO, 2011, p. 05-06). Ou seja, quando os recursos eram escassos para muitos e o medo reinava, um herói, humano, refletindo os anseios populares seria bem recebido. Estando o caos instaurado, era preciso surgir um combatente para a desordem e a fuga das leis, mesmo que muitas das vezes o cavaleiro das trevas não as seguisse.

[...], submetidos a leis que nem sempre os favorecem, os homens civilizados se tornaram escravos uns dos outros. É certo que o progresso facilitou a vida, [...]. Mas, de outro lado, esses benefícios do progresso estão distribuídos de forma desigual. Enquanto alguns gozam de uma vida farta e luxuosa, outros permanecem na mais indigna miséria. (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2009, p. 35)

Então, o Batman foi criado em uma conjuntura onde as leis estadunidenses cunhadas pelo Estado nem sempre favoreceram a maior parcela da população, como ressalta Purdy et al (2007), com os desdobramentos da Crise de 1929 a miséria se espalhou no campo e na cidade, agravando problemas de ordem social e também racial. Ainda segundo Purdy et al (2007), tal situação só melhorou quando Hoover por meio do voto passou a presidência para Roosevelt nas eleições de 1932, sendo este último responsável pela saída da crise ao instituir o *New Deal* e, conseqüentemente, iniciar a elevação do padrão de vida estadunidense. Todavia, esse progresso não ocorreu de forma igualitária entre o povo norte-americano, ou mundialmente.

Como no diz Denny O’Neil em sua introdução à Miller (2011), HQ<sup>6</sup>*Batman: Ano Um*<sup>7</sup>:

A origem que Bob Kane e Bill Finger tinham criado, em 1939, era uma perfeita explanação de como e por que Batman veio a existir, por que ele continuou sua obsessiva cruzada e, talvez o mais importante, como o herói refletiu medos, frustrações e esperanças de um público leitor que lutava com as realidades da vida urbana do século vinte. (MILLER, p. 06)

361

Foi certamente esse ambiente que proporcionou a aceitação dessa peculiar figura heroica desde aqueles tempos até a atualidade. Diante disso, o Batman vem sendo reinventado de acordo com os elementos dominantes do panorama histórico e social de cada época, cabendo ao professor de História possibilitar que os educandos sejam capazes de autonomamente identificar elementos políticos, culturais, sociais e ideológicos envolvidos na construção do herói.

Jones (2006) complementa dizendo que esse contexto influenciou de forma efetiva a criação das HQs, um início foi marcado pelo mercado que começou o seu crescimento de forma desigual, surgiu a oportunidade de enriquecer à custa dos que tentavam realizar seus sonhos ou simplesmente sobreviver naqueles tempos, tornando-se em uma das indústrias mais rentáveis do mundo, caracterizada por jogadas antiéticas de alguns editores e empresários que deixaram criadores de grandes personagens esquecidos e até na miséria<sup>8</sup>, ou seja, a indústria das HQs e seus grandes empreendedores em um ambiente econômico hostil, tiveram a esperteza para driblar falências e financiarem projetos, apresentaram a criatividade para enfrentar críticas das mais moralistas, fizeram resistência frente à censura. Muitos de seus artistas eram filhos de imigrantes pobres oriundos de bairros arrepiantes, terras dos piores gângsters – alguns foram donos de pequenas revistas –, de sua época. Em muitos casos cruéis e injustos com seus funcionários, mesmo assim eles foram capazes de manter de pé um negócio que floresceu durante 40 anos a despeito do total desprezo da elite intelectual e da

<sup>6</sup> Abreviação utilizada para o termo “História em Quadrinhos”.

<sup>7</sup> *Batman: Ano Um*, roteirizado por Frank Miller, com artes de David Mazzucchelli e cores de Richmond Lewis, publicado originalmente em 1986.

<sup>8</sup> O caso mais famoso foi de Joe Shuster e Jerry Siegel que lutaram pelos créditos devidos pela criação do Superman.

suspeita, e até da ofensiva, das autoridades.

Assim, o contexto de surgimento do herói é um produto das ações de múltiplos sujeitos que se encontram ocultados pelo processo criativo, vindo à tona no momento em que o público, neste caso, os estudantes, lhe atribui significado. É possível observar que quando o aluno compreender o contexto histórico relacionado ao surgimento do Batman, ele será capaz de perceber que as lutas ou questões referentes ao seu cotidiano possa fazer sentido como peças que compõem o mundo além daquele ao seu alcance, reforçando a sua importância como mais que um mero estudante, mas também, um agente histórico capaz de modificar a sua realidade, pois “[...] a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos” (BEZERRA, 2013, p. 45).

#### **A consolidação do herói e do vilão em “*Batman — o cavaleiro das trevas*”**

Diante dos argumentos apresentados até o momento, pode-se dizer que cabe ao professor instigar os alunos a buscarem entender como a cidade fictícia, a relação entre herói e vilão e os seus simbolismos podem agir como um espelho da realidade, mesmo que a cidade de Gotham seja uma metrópole ou nem toda sala de aula esteja em regiões urbanas, vários dos aspectos apresentados podem ocorrer em todos os lugares, como: a miséria, a violência ou medo. Ressalta-se a importância de permitir que o aluno compreenda como tais elementos se manifestam na realidade.

O filme é continuação da saga do *Cavaleiro das Trevas*, aliado à polícia por intermédio do comissário Gordon e com o auxílio de Harvey Dent, o *Cavaleiro Branco*. Em conjunto, aplicam duros golpes no crime organizado, forçando a mudança das reuniões dos chefes mafiosos para o período diurno, assim, nesse momento todos compartilham do mesmo temor por aquilo que se esconde nas trevas: o Batman. Desde seu início que toda a narrativa será centrada na oposição de duas forças contrárias, bem e mal, luz e trevas, essa é a luta clássica dos quadrinhos e dos filmes de herói. Entretanto, Nolan apresenta uma nova perspectiva, ao deixar as definições do bem e do mal para a interpretação dos espectadores, podemos pensar que para alguns, o Batman é um símbolo, um modelo, aquele que trouxe uma

melhoria para a caótica Gotham City, porém, para outros ele é o responsável direto pelo aparecimento de novos criminosos. A partir desta constatação, o professor de História pode levantar para os educandos a reflexão de como o personagem seria um herói ou um vilão? Ou os dois ao mesmo tempo? Pois, como nos diz James Gordon:

“[...] porque ele é o herói que Gotham merece, mas não o que ela precisa agora. Vamos caçá-lo [...] porque ele aguenta. Porque ele não é um herói. É um guardião silencioso [...]. Um Cavaleiro das Trevas”.<sup>9</sup>

O Cavaleiro de Gotham idealizado por Nolan é um dos mais humanizados Batmans já criados, pois sua face humana é mais explorada que a faceta heroica, gerando uma maior aceitação do público que pode chegar a ver-se representado por aquela figura. Essa relação espectador-personagem pode ser percebida no diálogo entre Bruce (Cristian Bale) e Alfred (Michael Cane), onde Wayne está retornando a Gotham, no diálogo ele analisa as necessidades do povo e evidenciar o desejo de mostrar que ele superou seus medos e que poderá agir como um símbolo de esperança.

Bruce: As pessoas precisam de exemplos dramáticos para sair da apatia. Eu não posso fazer isso como Bruce Wayne. Como homem, sou de carne e osso, posso ser ignorado, ou destruído. Mas como um símbolo eu posso ser incorruptível. Eu posso ser perpétuo.  
Alfred: Que símbolo?  
Bruce: Algo elementar. Algo aterrorizante.<sup>10</sup>

De acordo com Barros (2008), neste caso o imaginário envolvendo o personagem está carregado de “imagens visuais, mentais e verbais”, congregando “representações” que transitam pelas definições de herói ou vilão, observando-se o “Imaginário não apenas com o campo das ‘representações’, mas também com o âmbito dos ‘símbolos’” (BARROS, 2008, p. 93). A partir dessas palavras, Bruce compreende que atuando como o Batman em Gotham, pode ser mais que um simples justiceiro ou vigilante, ele sente que pode fazer a diferença

<sup>9</sup> Trecho retirado de diálogo entre o comissário Gordon e o seu filho nas cenas finais de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

<sup>10</sup> Trecho retirado do diálogo entre o mordomo Alfred e Bruce Wayne em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

para mudar o mundo, tornando-se um símbolo que se perpetua no imaginário.

O educador pode promover com os alunos uma reflexão chave no entendimento do papel do simbolismo heroico do Cavaleiro das Trevas, uma vez que a partir de uma perspectiva educacional este personagem pode ser, “[...] quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história” (FREIRE, 2013, p. 53), destarte, após algumas ponderações em sala de aula, o herói analisado pode ser entendido pelos educandos como um “sujeito” construtor de sua própria história.

[...] mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2013, p.53)

Nessa perspectiva, os alunos podem perceber o homem-morcego, inserido em um contexto histórico-social, no qual os elementos elencados anteriormente por Freire (2013), elevam “barreiras” que podem impossibilitar a tentativa de transformar o mundo, todavia, esses obstáculos não são insuperáveis, desse modo, nosso personagem procurou meios próprios para fazer a diferença.

Para superar a situação caótica de Gotham City, o Batman usa seus recursos no enfrentamento de problemas como a violência e a corrupção, pois esses elementos são encobertos levam aceitação, caos por parte da sociedade reduzindo as esperanças dos indivíduos. Fazendo-se alusão a Campbell (2005) o medo aqui visto antes como obstáculo para o enfrentamento dos problemas sociais, é superado por Bruce que usa o próprio medo de morcegos para aterrorizar os criminosos, vestindo-se de homem-morcego, ou seja, ele usa de seu pior medo para apavorar seus inimigos e trazer esperança aos injustiçados. Entretanto, há diferentes lados da mesma situação, pois se temos o Batman como um sinal de esperança, há também o seu contrário: o Coringa.

O Coringa é um lunático ou enxerga o que os outros não veem? Ele vê através da ideologia e tenta mostrar isso ao Batman e ao mundo? O Coringa surgiu nos quadrinhos sem

maiores esclarecimentos ou história definida de origem. A sua entrada no mundo DC<sup>11</sup> foi na HQ nº1 do Batman, sendo um personagem apresentado apenas como um vilão lhe atribuindo um ar de mistério. O passado e a identidade do homem por trás do sorriso de palhaço permanecem um grande enigma até hoje<sup>12</sup>. Indivíduo de poucas palavras, suas ações não são guiadas por explicações ou planos definidos, não segue regras, é no dizer do próprio personagem, “um agente do caos”<sup>13</sup>.

Alfred, mordomo de Bruce, expõe uma colocação que é pertinente a respeito do palhaço do crime: “Alguns homens não buscam nada lógico. Alguns homens só querem ver o circo pegar fogo”<sup>14</sup>. Esse argumento nos possibilita entender o enigma por trás do palhaço louco, visto que é preciso conhecer a história de uma pessoa para saber a motivação dos seus atos, contudo, esse mistério por trás do sorriso fatal nos fascina e começamos a compreender que temos traços em nosso imaginário que se assemelham com o dele. Na cultura popular o palhaço, é descrito como alguém que provoca o riso em seu público, mas no cinema e nas HQs, essa figura normalmente simboliza a anarquia, a desordem e a imprevisibilidade.

Então, buscando entender essa relação entre o herói e vilão, “[...] Batman representa a figura que luta a favor das instituições norte-americanas, [...], ciente das adversidades, conclui que ele deve se sacrificar em prol da sociedade e dos ideais” (FRANCISCO, 2014, p. 165). Em contrapartida, o Coringa considera que tais atitudes mascaram os reais problemas do sistema social, ou seja, “Estaria convencido o Coringa — que quer revelar a verdade por trás da máscara — de que a revelação destruiria a ordem social vigente?” (ŽIŽEK, 2009, p. 11). Uma possível resposta para este questionamento, é percebida quando o vilão se posiciona como contrário a ordem socialmente estabelecida em Gotham City.

Por outro lado, é possível passar de herói a vilão? Essa pergunta tem destaque no segundo filme do Cavaleiro das Trevas, onde abordado o personagem do promotor de justiça

<sup>11</sup> Abreviatura para *Detective Comics*.

<sup>12</sup> Uma explicação para a origem do personagem nos é oferecida na HQ *A Piada Mortal* de Alan Morre em parceria com Brian Bolland e John Higgins, foi lançada em março de 1988.

<sup>13</sup> Trecho retirado de diálogo entre Coringa e Harvey Dent em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

<sup>14</sup> Trecho retirado do diálogo entre o mordomo Alfred e Bruce Wayne em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

Harvey Dent<sup>15</sup> (Aron Eckhart), chamado de o Cavaleiro Branco de Gotham, vemos aí uma clara antítese ao Batman que é o Cavaleiro das Trevas. Eles se mostram parecidos em seu fervor pela justiça, pois querem que a *ordem* seja mantida e que o *sistema* em que estão inseridos *continue* o seu rumo, porém cada um tem a sua maneira de lutar por seus objetivos, já que, um demonstra não ter medo de mostrar o rosto e agir sob a luz, o outro usa uma máscara e atua em meio às sombras, em mais uma perceptível demonstração de dualidade, luz e trevas. Contudo, após sofrer um acidente, Dent tem seu senso de justiça corrompido, procurando vingança contra todos, criminosos ou não, decidindo seus destinos na sorte à base do *cara ou coroa*.

Nas palavras de Harvey Dent: “Ou você morre como herói, ou vive o bastante para se tornar um vilão”<sup>16</sup>. Essa é a escolha que deve ser feita por Dent, escolher morrer como herói ou tornar-se um vilão. Perto do fim da película parece que esse dilema é centrado em torno de Dent, pois após os acontecimentos da morte Rachel Dawes (Maggie Gyllenhaal) e a deformação em seu rosto, o diálogo com o Coringa parece motivá-lo a buscar vingança contra os assassinos de Rachel, ou por que não, contra o sistema que permitiu que tal ato fosse praticado. Podemos perceber que sua vingança era direcionada não só às pessoas, mas a todo um conjunto social, sendo uma represália contra as falhas da justiça, do Estado e da cidade que se tornou conivente com os criminosos e a corrupção.

Historicamente a descrença nas instituições e as falhas do Estado podem provocar uma intensa mudança no modo de agir das pessoas, tais descuidos podem torná-las violentas e vingativas, caso específico do Harvey Dent agora conhecido como o Duas Caras. Este nome é simbólico, pois mostra que existe a possibilidade de o sistema em que estamos inseridos possuir também duas faces que definem como se organizará a nossa vida, seja social ou particular. Isto é simbolizado no filme pela moeda que o personagem usa para decidir o destino das pessoas que estão sob a mira. Segundo Dent: “A noite é mais escura um pouco

<sup>15</sup> Personagem criado por Bill Finger e Bob Kane, aparecendo pela primeira vez na *Detective Comics* nº66 em agosto de 1942, sendo inspirado em personagens famosos como Scarface e no romance O Médico e o Monstro de Robert Louis Stevenson.

<sup>16</sup> Frase pronunciada por Harvey Dent em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

antes do amanhecer”<sup>17</sup>. Este é o resumo da trajetória do Duas Caras, um outrora defensor da lei e da justiça frente a uma tragédia, assume uma personalidade violenta e psicótica que busca vingança contra tudo o que ele julga ser o responsável pelo seu sofrimento. Desse modo o acidente também altera o seu senso de certo e errado, pois o homem que antes zelava e protegia os cidadãos de Gotham por meio das leis, de repente passa a usar uma moeda para decidir o destino das pessoas, tal atitude dá a ideia de uma escapada da responsabilidade de seus próprios atos.

Por fim, a partir da análise da consolidação dos conceitos de herói e vilão em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, o professor pode demonstrar para os estudantes a partir dos elementos discutidos neste trabalho que os valores simbólicos envolvendo os conceitos aqui tratados variam a partir das concepções ideológicas construídas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, neste caso, os educandos podem ter a possibilidade de desenvolver o seu próprio entendimento em torno do papel que o indivíduo pode desempenhar dentro do contexto histórico ao qual pertence.

Entende-se que os conceitos de herói e vilão adquirem, “conotações próprias de formação intelectual e valorativa, e a precisão conceitual torna-se fundamental para evitar deformações ideológicas” (BITTENCOURT, 2008, p. 195). Então tudo o que foi apreendido até o momento acerca dos termos discutidos, possibilita que a aprendizagem em história não seja permeada por concepções ideológicas disformes defendidas como ideias simplesmente por serem aceitas pela maioria da sociedade, a partir disto, o aluno pode expandir-se por uma série de significados e símbolos inseridos no imaginário dos grupos em que está inserido.

O professor também pode correlacionar este breve estudo histórico em torno do imaginário relacionado aos conceitos de herói e vilão, com a função política que o alunado poderá desempenhar na sociedade, percebendo que determinadas conjunturas sociais são capazes de criar personagens que transitarão pelo campo heroico ou vilanesco, a depender das ideologias vigentes no sistema em voga.

Com base na contextualização os significados das ações do Batman e do Coringa através da luta do herói contra o vilão, é de extrema importância que o professor de história

<sup>17</sup> Frase pronunciada por Harvey Dent em *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

esteja atento quanto ao estudo e o entendimento de Gotham City e do sistema capitalista que domina as esferas sociais, um fenômeno que se repete também no mundo real. Portanto, independentemente da escola estar localizada no campo, na periferia ou no bairro nobre, o educando pode perceber através da cidade fictícia que os problemas criados pelo capitalismo, combatidos pelo Batman e escancarados pelo Coringa, estão presentes no mundo real, diante de seus olhos. Por fim, assim como o herói defende a verdade e, por que não, do vilão que expõe a mentira, o estudante deve ser estimulado a ser sujeito ativo na busca por soluções para as problemáticas de sua realidade.

### Considerações finais

Diante da discussão desenvolvida até então, norteadas inicialmente no campo da História Conceitos de Koselleck (1992), percebe-se que a construção socio-histórica dos conceitos de herói e vilão, principalmente no que diz respeito ao campo ideológico, é mutável em consonância com os elementos predominantes nas sociedades ao longo do tempo, com cada grupo valorizando aqueles personagens definidos como seus representantes morais, ou desprezando figuras que simbolizam a oposição aos ideais mais consolidados.

Compreende-se também que, assim como outros heróis que se encaixariam nesta análise, o Batman e demais personagens do seu universo fictício, possuem mais correspondências com o mundo real do que se pode imaginar, assim é possível que o professor de História possibilite uma reflexão no campo da História dos Conceitos, juntamente com os estudantes em sala de aula, discutindo sobre as conjunturas históricas, sociais e ideológicas na consolidação do paradigma de herói e vilão, percebendo-o como uma expressão da sociedade capitalista em que os educandos estão inseridos. Neste caso, o educador tem a liberdade de propor reflexões sobre a sociedade fictícia apresentada em Gotham City, uma vez que a mesma dispõe de elementos estruturais e simbólicos correlacionados com a realidade dos educandos.

Então, partindo do estudo dos diversos elementos simbólicos presentes no universo do Cavaleiro das Trevas, o alunado pode iniciar uma construção da própria percepção dos

conceitos e como estes se inserem não apenas no imaginário social, mas também com a realidade dos educandos. Portanto, os diálogos com os diversos autores aqui apresentados permitiram uma breve análise de três figuras icônicas da cultura pop e, assim foi possível discutir alguns elementos que nos ajudaram a trazer esclarecimentos acerca do problema proposto inicialmente.

Em nossa busca por compreender as representações heroica e vilanesca do Batman e do Coringa respectivamente, percebemos que cada um destes personagens defende uma série de valores que condizem com aqueles predominantes em sua sociedade. O Cavaleiro das Trevas, luta pelo que podemos considerar como a manutenção do que avaliamos como os pilares de uma Gotham City idealizada de acordo com a ideologia representada por suas ações, em contraste, o palhaço procura *desmascarar* a verdadeira face do sistema que ele enxerga por trás das ideologias dominantes, para tal, ele faz uso de atos terroristas que segundo suas concepções forçarão a sociedade a se revelar tal como ela é. Por sua vez, o promotor Harvey Dent, vive esses dois paradigmas, colocando-se como o indivíduo que passa parte de sua existência defendendo o modelo de organização social, baseado na justiça e na ordem, mas, devido às circunstâncias que lhe causaram perdas irreparáveis, o Cavaleiro Branco, agora desacreditado, cruza a linha tênue entre o certo e o errado buscando alcançar objetivos particulares, passando de herói a vilão.

Em suma, o herói é um indivíduo que procura defender os valores e as ideologias que regem a sociedade, enquanto o vilão, passa a seguir as suas próprias concepções, necessitando apenas de um momento como estopim para tal, ou como diria o Coringa: “[...] só é preciso um dia ruim para reduzir o mais são dos homens a um lunático [...] é essa a distância que me separa do mundo. Apenas um dia ruim”<sup>18</sup>. Seria isso que separaria um herói de um vilão? Um dia ruim? Podemos concluir que, não é apenas um dia específico, mas a conjuntura de uma série de elementos positivos e negativos relacionados ao sistema vigente, que são fatores quase que determinantes no encaminhamento das ações dos indivíduos, sejam heróicos ou vilanesco e que cabem serem refletidos em sala de aula e outras pesquisas.

<sup>18</sup> Trecho retirado de diálogo entre Batman e Coringa na HQ *A Piada Mortal* de Alan Moore.

## Referências

BARROS, José D'Assunção. **Koselleck, a história dos conceitos e as temporalidades**. Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, año 18, nº 35. Primer semestre de 2016. Disponível em <<https://revistascientificas.us.es/index.php/araucaria/article/view/2665/2238>>. Acesso em 22 de setembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2008 (p. 91-93).

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zará editora, 2010.

BERNADET, Jean Claude. **O que é cinema**. In: Coleção Primeiros Passos: O que é jornalismo; editora; cinema. São Paulo: Círculo do Livro, 1980 (p. 123-187).

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (ORG.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 37-48).

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008 (p. 191-199).

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005. (7-15)

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DÄHNE, Caroline Loise. **Super-Heróis na aula de história**. Disponível em: <<https://nastramasdeclio.com.br/historia-e-cultura-pop/super-herois-na-aula-de-historia/>>. Acesso em 23 de agosto de 2020.

FRANCISCO, Igor Lapsky da Costa. **Blockbusters conservadores: política e cinema norte-americano em perspectiva cruzada no tempo presente (1992- 2012)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014 (Tese Doutorado em História Comparada) (p.164-165).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 (p. 52-58).

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005 (75-94).

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das

Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

JESUS, Altair Reis de. **O cinema como registro histórico da sociedade**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011. Disponível em <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308180600\\_ARQUIVO\\_AltairReis\\_ANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308180600_ARQUIVO_AltairReis_ANPUH2011.pdf)>. Acesso em 12 de agosto de 2018.

JONES, Gerard. **Homens do Amanhã: geeks, gangsters e o nascimento dos gibis**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **A história dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, N.10, 1992, p. 134-136 palestra transcrita, traduzida e editada por Manoel Luis Salgado Guimarães. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1945/1084>>. Acesso em 22 de setembro de 2018.

KOTHE, Flávio René. **O Herói**. São Paulo: Ática, 2000 (12-15).

MAGALHÃES, Fernando. **10 Lições sobre Marx**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Milton Meira do; NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. **Iluminismo: A Revolução das Luzes**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

PAGE, Denys. O Mundo Homérico. In: LLOYD-JONES, Hugh (Coordenador). **O Mundo Grego**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007 (206-213).

VALLE, Cléa Fernandes Ramos; TELLES, Verônica. **O Mito do Conceito de Herói**. ISAT-Revista Eletrônica do Instituto Anísio Teixeira. ISSN: 2236-9155. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em <[http://www.revistadoisat.com.br/numero2/01\\_O\\_Mito\\_do\\_Conceito\\_de\\_Heroi\\_Clea\\_e\\_Veronica.pdf](http://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf)> acesso em 02 de setembro de 2018.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006 (p. 165-167).

SEINO, Everton. **Batman: Arquétipos numa época sombria**. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba: 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em

<<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads//2011/11/ARTIGO-BATMAN-ARQUETIPOS-EM-TEMPOS-DE-SOMBRAS.pdf>>. Acesso em 08 de dezembro de 2018 (p. 05-06).

WALTY, Ivete Lara Camargo. **O que é ficção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986 (p. 18-28).

ŽIŽEK, Slavoj. **Lacrimae rerum: ensaios sobre o cinema moderno**. São Paulo: Boi Tempo, 2009 (p. 10-12).

### Fontes Fílmicas

**Batman Begins**. Dir. Christopher Nolan. EUA: 2005 (140 minutos).

**Batman – O Cavaleiro das Trevas** (Batman – The Dark Knight). Dir. Christopher Nolan. EUA: 2008. (152 minutos).

### Fontes Escritas

MILLER, Frank. **Batman: Ano Um**. São Paulo, Barueri: Panini Comics, 2011.

MOORE, Alan. **Batman: a piada mortal**. São Paulo, Barueri: Panini Books, 2011.